


OS NOVOS ESTUDOS DO LETRAMENTO NA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: POR UMA VIRADA SOCIAL NOS ESTUDOS SOBRE LETRAMENTO INFORMACIONAL

The New Literacy Studies in Library and Information Science: towards a social turn in letramento informacional studies

Mariana de Souza Alves


Universidade Federal de Pernambuco, Biblioteca Setorial do Centro de Artes e Comunicação,
Recife, PE, Brasil
mariana.souzaalves@ufpe.br

<https://orcid.org/0000-0002-3452-9629> 

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo

Universidade Federal de São João del-Rei, Programa de Pós-Graduação em Educação,
São João del-Rei, MG, Brasil.
socorronunes@ufsj.edu.br

<http://orcid.org/0000-0003-3103-3203> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Objetivo: fornecer um apanhado teórico acerca dos New Literacy Studies (NLS) a fim de contribuir com o adensamento dos estudos em torno do conceito de *letramento informacional*, uma vez que, no *corpus* analisado, não encontramos abordagens centradas no modelo ideológico ou perspectivas de cunho sociocultural de natureza etnográfica nas produções sobre letramento informacional, exceto em dois estudos recentes.

Método: pesquisa bibliográfica e documental. Pesquisa bibliográfica partiu da leitura e tradução de uma parcela das obras que compõem a corrente dos NLS. Pesquisa documental realizou a análise de um *corpus* de trabalho oriundo de levantamento sistemático da produção científica sobre letramento informacional.

Resultado: apresenta o surgimento e os fundamentos teórico e metodológico dos NLS. Expõe no que consistiu a teoria da grande divisão entre oralidade e escrita, bem como os mitos sobre letramento. Argumenta como os NLS empreenderam estudos etnográficos em diferentes regiões do mundo e romperam com tais mitos. Discute sobre a natureza social, ideológica e identitária das práticas de letramento por meio de dois pares de conceitos: eventos de letramento, práticas de letramento e modelo autônomo de letramento e modelo ideológico de letramento. Discorre sobre as relações entre letramento e escola.

Conclusões: os NLS contribuem para os estudos sobre letramento informacional na medida em que oferecem ferramentas analíticas e metodológicas para compreender as práticas escritas, consequentemente as práticas informacionais, enquanto elementos complexos que não podem se restringir aos âmbitos cognitivo, técnico ou individual, pois são permeadas por ideologias, relações de poder, relações identitárias e por contextos discursivos, históricos e culturais específicos.

PALAVRAS-CHAVE: New Literacy Studies. Letramento. Letramento informacional. Práticas de letramento. Etnografia.

ABSTRACT

Objective: To provide a theoretical overview of New Literacy Studies (NLS) in order to contribute to the development of studies on the concept of *letramento informacional*, since, in the corpus analyzed, we did not find critical approaches or sociocultural perspectives of an ethnographic nature in the productions on *letramento informacional*, except in two recent studies.

Method: Bibliographic and documentary research. Bibliographic research was based on the reading and translation of a portion of the works that make up the NLS current. Documentary research analyzed a corpus of work, originating from a

systematic survey of scientific production on *letramento informacional* in databases in the area of Library Science and Information Science, from 2000 to 2022.

Result: Presents the emergence and theoretical and methodological foundations of NLS. Exposes what the theory of the great divide between orality and writing consisted of, as well as the myths about literacy. It argues how NLSs have undertaken ethnographic studies in different regions of the world and broken with such myths. It discusses the social, ideological and identity-based nature of literacy practices through two pairs of concepts: literacy events, literacy practices and autonomous model of literacy and ideological model of literacy. It discusses the relationships between literacy and school.

Conclusions: NLSs contribute to studies on *letramento informacional* as they offer analytical and methodological tools to understand written practices, and consequently information practices, as complex elements that cannot be restricted to the cognitive, technical or individual sphere, as they are permeated by ideologies, power relations, identity relations and specific discursive, historical and cultural contexts.

KEYWORDS: New Literacy Studies. Literacy. Information literacy. Literacy practices. Ethnography.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de *letramento informacional*¹, apresenta-se, no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), por meio de uma dimensão pragmática da busca e do uso da informação, a qual requer necessariamente uma compreensão não apenas dos aspectos cognitivos, mas também dos aspectos socioculturais do uso e produção da informação.

A proposta de *letramento informacional* que veio sendo delineada nos últimos anos, situa-o, principalmente, num contexto formal de educação e define-o como um processo contínuo de ensino-aprendizagem composto de um corpo de conteúdos de busca e uso da informação que devem ser ensinados, de maneira sistemática, com fins de desenvolvimento de competências e aquisição de conhecimentos. O conceito também prevê que esses conteúdos devem ser inseridos em atividades contextualizadas e significativas (Campello, 2009; Gasque, 2012, 2020). Contudo, os estudos empíricos empreendidos por este microcampo não estão sendo pautados por metodologias que produzam dados sobre as práticas sociais e as analisem em função de seus interferentes ideológicos e culturais (Alves, 2023). Embora, no arcabouço teórico elaborado para formulação do conceito em questão, haja indicativos que chamem atenção para as variáveis contextuais, de forma concreta, não foram encontrados estudos que analisassem de modo imersivo a efetividade do conceito, visto que esses se pautam, majoritariamente, por técnicas de análise documental e análise de entrevistas.

A noção de *habitus* de Pierre Bourdieu ajuda-nos a entender a necessidade de uma compreensão mais holística e relacional da aprendizagem e das práticas de *letramento* das

¹ Nosso estudo se voltou para o termo específico “*letramento informacional*” que é uma das traduções vernáculas de *information literacy*; não estamos considerando outras traduções tais como: “competência em informação” ou “competência informacional”.

estudantes e das pessoas que interagem com as bibliotecas enquanto pessoas que “têm uma história”:

[...] que são o produto de uma história individual, de uma educação associada a determinado meio, além de serem o produto de uma história coletiva, e que em particular as categorias de pensamento, as categorias do juízo, os esquemas de percepção, os sistemas de valores, etc. são o produto da incorporação de estruturas sociais (Bourdieu; Chartier, 2011, p. 58).

Se, nos estudos sobre *literacy*, a virada social surge com mais força ainda no fim do século passado, estudos emergentes incorporando essa virada social nas abordagens sobre *information behavior*, *information literacy* e *information practices* começam a aparecer no início da primeira década dos anos 2000, como, por exemplo, Christine Pawley (2003) (Estados Unidos); Reijo Savolainen (2007) (Finlândia); James Elmborg (2006) (Estados Unidos); Annemaree Lloyd (2005) (Inglaterra).

A perspectiva crítica da informação, conforme apontou Tewell (2015), analisa como a informação é construída socialmente e quais são as dimensões políticas e econômicas inerentes a essa construção, com o objetivo de problematizar os usos da informação e fazer com que as estudantes reflitam sobre as forças que atuam nos regimes informacionais e possam agir com base nesse conhecimento. Dessa forma, permite que a profissão bibliotecária consiga alcançar, por meio da práxis², possibilidades emancipatórias para a prática empírica e para as pessoas aprendizes (Tewell, 2015).

Campello (2009) já havia identificado a escassez de trabalhos que explorassem o letramento informacional (*information literacy*) do ponto de vista do modelo ideológico de letramento (*literacy*) quando apresentou os estudos de Christine Pawley e de Sanna Talja e Reijo Savolainen.

Ao realizarmos um levantamento sistemático da produção científica sobre letramento informacional em bases de dados da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, no período de 2000 a 2022, resultando em um *corpus* inicial de 156 trabalhos e um *corpus* final de 95 (Alves, 2024), não encontramos, neste apanhado, estudos guiados pela perspectiva ideológica ou por abordagens de cunho sociocultural de natureza

² A práxis em Marx “[...] representa a interação entre consciência e atividade, configurando um ciclo teórico-prático em que a teoria é constantemente posta à prova na prática, e a reflexão sobre as contradições entre teoria e prática estimula novas teorias a serem colocadas em prática, fazendo desse movimento dialético o motor da própria história” (Bezerra, 2021, p. 6). Em Freire (2015 [1974], p. 52), a práxis é a “[...] reflexão e ação dos homens [e mulheres] sobre o mundo para transformá-lo”. Jacobs (2008, p. 260), apropriando-se de Freire, diz que a práxis é a “[...] interação entre teoria e prática”.

etnográfica nas pesquisas sobre letramento informacional³, exceto em dois estudos que traduzem *information literacy* para *letramento informacional* na BCI — são eles: Brasileiro (2017) e Silva *et al.* (2020) — sem adotarem a perspectiva epistemológica da American Library Association (ALA) (1989), mas, sim, inserindo referenciais e metodologias de análise que consideram a prática informacional como um elemento situado.

Frisamos que esses dados são resultados do recorte metodológico que fizemos (que contemplou uma relativa amplitude de bases de dados e uma amplitude temporal), cujo foco residiu no termo “letramento informacional”. Isso não quer dizer que não existam estudos no âmbito da BCI, em torno da frente de pesquisa *Mediação, Circulação e Apropriação da Informação*, que se orientem por perspectivas críticas, ideológicas ou por abordagens de cunho sociocultural. Os trabalhos de Vitorino e Piantola (2009, 2011, 2020), por exemplo, que abordam o tema *information literacy* por meio dos termos *competência informacional* e *competência em informação*, desde o final da primeira década dos anos 2000, já introduziram uma perspectiva crítica e social para o campo. Autorias como Perrotti e Pieruccini (2013, p. 10), por exemplo, também desenvolvem estudos inspirados pela virada social, política e cultural vertendo *information literacy* por outros termos para justamente expressarem a mudança na concepção epistemológica do conceito, tais como “cultura da informação”, “cultura informacional”, “educação para informação”, “educomunicação” ou “infoeducação”, em consonância com estudos franceses que abordam o tema sob os termos *éducation à l’information* ou *culture de l’information*.

A partir desse contexto, empreendemos um rastreamento teórico e empírico a fim de investigar as raízes epistêmicas dos conceitos de *literacy*, *letramento* e *letramento informacional* (Alves, 2023; Alves, 2025; Alves; Macedo, 2025b; Alves; Macedo, 2025c) e nossa proposta para este ensaio é fornecer um apanhado teórico acerca dos New Literacy Studies (NLS) para contribuir com o adensamento dos estudos em torno do conceito de *letramento informacional*. O nosso caminho de investigação privilegiou a abordagem dessa corrente internacional (NLS) por ter sido ela a que mais influenciou os estudos brasileiros das pesquisadoras da Educação (notadamente, Magda Soares), os quais, por sua vez, influenciaram os estudos das pesquisadoras da Biblioteconomia e Ciência da Informação (especialmente, Bernadete Campello e Kelley Gasque). A pertinência dessa proposição teórica foi verificada em função da análise que empreendemos no *corpus* de trabalhos que

³ O detalhamento da análise do *corpus* e a apresentação das tendências temáticas e metodológicas constam na pesquisa mais ampla realizada (Alves, 2023; Alves, 2024) e, além dela, estão sendo divulgado por meio de artigos, alguns deles já publicados e citados aqui e outros em fase de publicação.

investigamos (Alves, 2023; Alves; Macedo; Galindo, 2023a; Alves; Macedo; Galindo, 2023b; Alves, 2024; Alves, 2025; Alves; Macedo, 2025a).

Sendo assim, pode-se dizer que as discussões sobre letramento no Brasil surgem a partir da influência dos New Literacy Studies (NLS) e do New London Group (NLG). O primeiro grupo situa-se no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 no contexto geográfico dos seguintes continentes e países: América do Sul (Brasil), América do Norte (Estados Unidos) e Europa (Reino Unido). Já o segundo grupo data da metade da década de 1990, cuja origem advém de pesquisadoras/es da América do Norte (Estados Unidos), Europa (Reino Unido) e Oceania (Austrália) (Bevilaqua, 2013).

Ambos os movimentos têm em comum o fato de surgirem a partir do que se chamou de *sociocultural turn* (ou virada social) dos estudos sobre *literacy* (Street, 2012b; Bevilaqua, 2013). Apesar de terem desenvolvido categorias teóricas de análises diferentes, as duas correntes de estudo têm em comum o fato de considerarem que o termo *literacy* não pode ser tomado como um conjunto de competências e habilidades estáticas e neutras, estando inserido em práticas sociais inerentemente imbuídas por elementos ideológicos e identitários.

A nossa escolha teórica em se voltar aos NLS se deu pelo fato de que, conforme explica Bevilaqua (2013, p. 111), do ponto de vista temporal é possível deduzir que “os Multiletramentos emergiram no seio dos Novos Estudos do Letramento, compartilhando com este, o novo foco no social”. Além disso, enquanto o foco dos NLS está na compreensão dos significados atribuídos às práticas mediadas pela escrita em seus diferentes contextos – e não apenas no contexto escolar, tendo como ponto central o estudo do letramento nos distintos domínios –, o Grupo de Nova Londres foca na multimodalidade e no ensino dos multiletramentos na contemporaneidade em função das multiplicidades culturais, tecnológicas e da diversidade semiótica (Bevilaqua, 2013).

Esclarecemos, por fim, que esta discussão se faz possível devido à localização epistêmica da primeira autora deste artigo (oriunda do campo da BCI, mas que participou de formações em torno dessa temática), bem como à mediação do Grupo de Pesquisa em Alfabetização, Linguagem e Decolonialidade (GPEALE), por meio, sobretudo, da professora que coorientou este estudo – a qual, dentre os estudos pós-doutorais que realizou, um deles foi com Brian Street no Kings College London, Inglaterra (2009-2010) –

e do docente Clecio Bunzen⁴. Esse referencial teórico foi construído por meio de textos já traduzidos e disponíveis no Brasil, mas também é composto por obras escritas em inglês e espanhol, não publicadas no Brasil. Constitui um apanhado em torno do tema e intenciona servir de ponto de acesso às obras aqui mencionadas.

2 LETRAMENTO: ORALIDADE, ESCRITA E PRÁTICAS SOCIAIS

O surgimento dos estudos vinculados aos New Literacy Studies (NLS) — Novos Estudos do Letramento — ou Novos Estudos sobre Letramento (NEL), na tradução de Marildes Marinho (Marinho, 2010) — durante as últimas décadas do século XX, deu-se em busca da compreensão das diversas facetas da escrita e de sua relação com a oralidade, não apenas do ponto de vista (psico)linguístico, mas também dos usos da leitura e da escrita em diferentes contextos históricos e culturais, sujeitos a variações no tempo e no espaço. Em outras palavras, esses novos estudos buscavam entender o impacto sociocognitivo e cultural da escrita e da oralidade na história da cultura humana e a relação destas com as práticas de letramento.

Esses estudos passaram a abordar a cultura escrita e seus usos a partir de uma perspectiva etnográfica, “[...] em contraste ao caráter experimental e frequentemente individualista das abordagens dominantes de *literacy*, tanto na pesquisa como na política” (Street, 2009b, p. 23; Street, 2005). Além disso, as pessoas pesquisadoras do letramento elaboraram um arsenal de conceitos novos e ressignificaram conceitos antigos (Street, 2003a).

Assim, há cerca de 40 anos, no contexto anglófono (Reino Unido e Estados Unidos), delineavam-se estudos que, posteriormente, foram denominados *New Literacy Studies* (Gee, 1990), os quais se fundamentavam na virada social das ciências humanas, que passaram a adotar um tipo de investigação que buscava alcançar os contextos culturais, sociais e políticos que atravessam a vida das pessoas – para além de suas demandas individuais (Zavala; Niño-Murcia; Ames, 2004).

⁴ Especificamente menciono a participação no minicurso Introdução ao Campo dos Estudos de Letramento no Brasil (2021), ministrado por Clecio dos Santos Bunzen Júnior (UFPE) e Joice Armani Galli (UFF) e na disciplina Estudos do Letramento (2021), ministrada por Clecio dos Santos Bunzen Júnior (UFPE). Além das pessoas docentes citadas, a professora Andrea Tereza Brito Ferreira (UFPE) também contribuiu na mediação e cessão de textos no âmbito da disciplina Práticas de Letramento: a Leitura e seu Ensino, da qual participei em 2021 na UFPE.

O livro *Literacy in theory and practice*, de Brian Street, publicado em 1984, é considerado a obra que deu início a essa tendência de estudos (Marinho; Carvalho, 2009). Na verdade, um conjunto de obras são geralmente citadas como impulsionadoras dessa nova forma de estudar letramento. Para Brian Street, antropólogo britânico e um dos fundadores dessa corrente de pesquisa, os NLS compreendem uma série de estudos no âmbito da pesquisa e da prática que tratam a linguagem e o letramento como práticas sociais, e não apenas como habilidades técnicas aprendidas na educação formal (Street, 1997). As ideias do educador brasileiro Paulo Freire exerceram forte influência na formulação dessas noções, conforme destacam Wagner, Venezky e Street (1999).

No que tange às bases que fundamentam os NLS, do ponto de vista da contribuição dos estudos sociológicos, históricos, antropológicos e linguísticos, Marinho (2010b, p. 72) identifica que há um diálogo explícito com autorias como “Bourdieu, com o conceito de *habitus*, Bakhtin, com o de intertextualidade, e Foucault, com a noção de discurso”.

O *letramento como prática social*⁵ é, portanto, uma expressão utilizada para demarcar a obviedade que toda prática de letramento carrega; isto é, de ser sempre praticada em contextos sociais e, em função disso, ter efeitos nem sempre universais ou generalizáveis, como a concepção dominante de letramento supôs durante muito tempo. E, ao mesmo tempo, é uma expressão que enfatiza a profundidade da natureza social do conceito, já que lidar com leitura e com escrita não é algo tão simples como parece ou como se supõe que seja; mas, sim, é um fenômeno entrelaçado em redes sociais e culturais complexas e variáveis, por isso os letramentos são plurais (Street, 1997). Para Street (1997), enquanto o termo *literacy practice* (prática de letramento), no singular, pode tradicionalmente se referir à prática de letramento escolarizada, o termo *literacy practices* (práticas de letramento) no plural possibilita adotar uma perspectiva mais ampla e culturalmente situada e valorizar as variedades de práticas que, sem esse olhar, tornam-se marginalizadas.

2.1 A GRANDE DIVISÃO E OS MITOS DO LETRAMENTO

Esta seção tem a intenção de discutir como a clivagem cristalizada sobre oralidade e escrita começou a ser questionada e como esses estudos emergentes passaram a

⁵ Expressão cunhada/definida na obra: Street, Brian. **Social Literacies**: Critical Approaches to Literacy in Development, Ethnography and Education. London: Longman, 1995.

desmistificar o modelo dominante e desafiar os estereótipos postos em relação às pessoas consideradas letradas e iletradas. Esses estudos emergentes (que futuramente serão inseridos no escopo dos NLS) vão questionar a fissura, quase que abissal, colocada entre culturas orais e escritas e denominá-la de *great divide* (grande divisão). Também vão questionar o suposto enaltecimento atribuído à escrita — atrelada sempre a algum efeito positivo, o chamado *literacy myth* (mito do letramento) (Graff, 1994) ou *literacy as power* (letramento como poder) (Scribner, 1984) — e questionar o fato de ela ter efeitos em si mesma (Street, 2007 [1994]). Na elaboração de Street (2004 [1993]), essas concepções fazem parte do que ele denomina de *autonomous model of literacy* (modelo autônomo de letramento) em oposição ao *ideological model of literacy* (modelo ideológico de letramento).

Para Street (2014), a teoria da grande divisão postula a existência de dois grupos: os “letrados” e os “iletrados”, tanto em termos individuais como em termos sociais. Supõe-se que as capacidades cognitivas de raciocínio silogístico, abstração e operações mentais superiores seriam adquiridas exclusivamente por meio da escrita/letramento e que, conseqüentemente, apenas as sociedades letradas alcançariam o estatuto de modernização, industrialização e avanço econômico. Por outro lado, supõe-se que às pessoas e às sociedades iletradas falem essas características, de modo que elas são menos críticas, menos capazes de refletir, mais atrasadas socialmente e menos propensas a alcançar igualdade econômica e política (Street, 2014). Todavia, os estudos etnográficos desenvolvidos dos anos 1970 em diante se depararam com resultados diferentes.

Os resultados da pesquisa dos psicólogos estadunidenses Sylvia Scribner e Michael Cole (2004 [2001]), na década de 1980, na Libéria (oeste do continente africano), evidenciaram que a metáfora da grande divisão não é tão apropriada para especificar as diferenças entre letrados e iletrados. Scribner e Cole demonstraram que o letramento é um fenômeno socialmente definido e que ele sempre se constitui dentro de práticas socialmente organizadas (Cook-Gumperz, 2008 [1986]; Baynham; Prinsloo, 2009).

Em sua etnografia nas Carolinas do Piemonte (sudeste dos Estados Unidos), a antropóloga e linguista estadunidense Shirley Heath identificou que as diferentes maneiras pelas quais as crianças aprendiam a usar a linguagem dependiam das formas como cada comunidade estruturava suas famílias e dos legados sociais atrelados a elas, a partir dos quais se extraíam os conceitos de infância que orientavam a socialização das crianças. A aprendizagem da língua materna, desse modo, é indissociável das formas pelas quais a criança vive, alimenta-se, dorme, usa o tempo e o espaço (Heath, 1983).

Além disso, esses estudos consideram que, apesar de terem aspectos diferentes, as duas modalidades de uso da língua (oral e escrita) são complementares: o letramento “[...] como construto social é mais bem compreendido como parte de uma ideologia da língua, um fenômeno sociocultural”, no qual escrita e oralidade “[...] coexistem dentro de um modelo comunicativo mais amplo, não como opostos, mas como meios diferentes de alcançar os mesmos fins comunicativos” (Cook-Gumperz, 2008 [1986], p. 15).

Outro pesquisador que fez parte desse debate foi o historiador estadunidense Harvey Graff⁶ (1994), que desconstruiu o chamado *literacy myth* por meio de um estudo histórico aprofundado, explicando que esse mito parte de teorias sociais pós-iluministas e liberais que atribuem ao letramento um suposto efeito de ordem social e progresso individual. Para Graff (1991, 1994), havia uma enorme incompreensão do que seria o letramento, que atingia não apenas o nível empírico, mas também uma incoerência em termos epistemológicos na conceitualização do fenômeno. Ele argumenta que falta consistência nas definições de *letramento* e, pior ainda, que há uma desconsideração do papel essencial do contexto social e histórico, como se a educação por si mesma fosse capaz de gerar resultados automáticos (supervalorização do letramento). Constata o autor que isso ocorre, em grande medida, por motivos intencionais que fazem parte da ideologia do Estado e do lugar que foi atribuído à escolarização (Graff, 1994).

As evidências do estudo de Street (2014) nas aldeias rurais iranianas desconstróem muitos mitos associados ao letramento, o autor identifica que o movimento de escolarização em massa representou muito mais uma mudança em termos de conteúdo e ideologia. Street (2014) conclui, assim como também pontuou Gee (2004), que o foco nas ações de letramento deve incidir sobre o conteúdo e a ideologia, e não sobre o letramento em si mesmo.

2.2 A NATUREZA SOCIAL DO LETRAMENTO: IDEOLOGIA E RELAÇÕES DE PODER

A proposta dos estudos alternativos à *grande divisão* – representados aqui pelos NLS – de esclarecer a natureza do letramento e de chamar a atenção para o fato de que

⁶ Graff, H. **The Literacy Myth**: Literacy and Social Structure in the Nineteenth-Century City. London: Academic Press. 1979.

Graff, H. **The Labyrinths of Literacy**: Reflections on Literacy Past and Present. London: Falmer Press. 1987.

ele não pode ser reduzido a processos cognitivos e individuais veio acompanhada de um arsenal metodológico que privilegia o uso da pesquisa etnográfica e operacionaliza os conceitos de eventos de letramento e práticas de letramento, além de dois modelos teóricos: modelo autônomo de letramento e modelo ideológico de letramento. Ambos os pares de conceitos fornecem uma lente para a análise de tais práticas relacionando-as a estruturas de poder e ideologias que as envolvem.

Por isso, os NLS acreditam que entender o letramento exige um exame detalhado e profundo das práticas reais de uso da leitura e da escrita (Street, 2004 [1993]). Tal exame pretende compreender os usos e significados do letramento e o valor que ele representa para as pessoas. Isso inclui uma descrição contextual de caráter histórico e contemporâneo para entender as tradições culturais que subjazem às práticas e relacioná-las com as práticas atuais (Barton; Hamilton, 2000; Barton; Hamilton, 2004 [1998]). Para isso, esses estudos privilegiam o uso da abordagem etnográfica, pois ela “preocupa-se mais em tentar compreender aquilo que realmente acontece do que em tratar de provar o sucesso de uma intervenção específica, ou em ‘vender’ uma determinada metodologia de ensino ou de gestão” (Street, 2003b, p. 2).

Sendo assim, a expressão *eventos de letramento* foi cunhada por Shirley Heath em 1983 e se refere a qualquer situação de interação entre participantes estruturada pela escrita. Para David Barton e Mary Hamilton (2004 [1998], p. 114), os eventos de letramento são “[...] episódios observáveis que surgem e são moldados por práticas. A noção de eventos acentua a natureza 'situacional' de *literacy* na medida em que ele sempre existe em um contexto social”. Por exemplo, “[...] discutir uma notícia do jornal com alguém, construir um texto com a colaboração de alguém, [...] escrever uma carta, ler um anúncio, um livro” (Soares, 2003, p. 105), são eventos de letramento. Também são eventos um sermão religioso, um discurso político, uma aula (dentro de uma aula há microeventos como o ditado, a hora da leitura, a hora da produção de texto) (Marinho, 2008). Um evento de letramento pode mesclar língua escrita e língua falada, assim como podem interagir diversos sistemas semióticos e gêneros textuais; como um recurso comunicativo, o letramento articula uma variedade de meios de comunicação, bem como o uso de tecnologias (Barton; Hamilton, 2004 [1998]).

Todavia, apenas a descrição dos eventos de letramentos não permite uma análise mais ampla que identifique as relações de poder em que os eventos estão inseridos e o caráter ideológico dessas práticas, os quais até então não eram explorados adequadamente (Street, 2004 [1993]). Por isso, a noção de prática de letramento foi

cunhada por Street em 1984 e o termo *practice* (prática) foi escolhido deliberadamente, porque, segundo o autor, permite identificar as regularidades dos eventos e situá-los em conjunto, de modo a perceber padrões (Street, 2010 [2007]).

Barton e Hamilton (1998) definem as práticas de letramento como as formas culturalmente convencionadas de uso da língua escrita por meio das quais as pessoas desenvolvem suas atividades sociais. Embora se trate, também, de processos cognitivos em nível individual, elas não são apenas unidades de comportamentos observáveis ou um conjunto de propriedades individuais; mas são, ao mesmo tempo – afirmam as autorias – processos sociais que unem as pessoas, as quais dividem valores, ideologias, identidades e sentimentos. Por ser um meio para se chegar a um fim, o letramento deve ser analisado em seus contextos e motivações de usos mais amplos (Barton; Hamilton, 2004 [1998]).

Em suma: “[...] podemos fotografar eventos de letramento, mas não podemos fotografar práticas de letramento”, ilustra Street (2012a [2000], p. 76). É importante lembrar também que, como os eventos de letramento e as práticas de letramentos são faces de um mesmo fenômeno, essa diferenciação é apenas metodológica (Soares, 2003). Além disso, Street (2003a) acredita que a distinção entre evento de letramento e prática de letramento é útil tanto para a pesquisa quanto para o ensino.

Já em relação ao conceito de modelo autônomo de letramento, Street (2004 [1993]) discorre que se trata de um modo de ver o letramento como uma variável independente do contexto social, cujas consequências trazem benefícios cognitivos e sociais intrínsecos ao próprio letramento. Aponta que pesquisadores como Jack Goody (antropólogo e historiador inglês), Walter Ong (historiador e professor de literatura estadunidense) e David Olson (psicólogo canadense) tratam a escrita em seus trabalhos como um modo de comunicação autônomo, independente, completo (de certa maneira) e livre de ambiguidades. O autor continua explicando que denominou o modelo como tal porque ele se mostrou útil para representar suas perspectivas, uma vez que os próprios autores que são inseridos nesse modelo (citados acima) utilizam o termo *autônomo* como uma característica intrínseca à escrita (Street, 2004 [1993]). Além disso, assegura Street, associações como a de que a escrita torna as pessoas mais modernas ou empáticas também fazem parte do modelo autônomo de letramento e, conseqüentemente, geram estereótipos etnocêntricos, dividindo as sociedades em modernas e tradicionais, a partir de categorizações que não levam em consideração os reais usos. Por isso, uma concepção autônoma de letramento, diz Street, não ajuda a entender a natureza social do letramento e suas relações com outras práticas (Street, 2004 [1993]).

Já o *ideological* (ideológico) do modelo alternativo de letramento, proposto por Street em 1984, foi escolhido para enfatizar que todas as práticas de letramento possuem aspectos inerentemente culturais e, principalmente, estão imbuídas das estruturas sociais de poder. A escolha do termo *ideológico* é justificada por Street em razão de este termo denotar com mais precisão a vinculação que as práticas letradas possuem com aspectos não apenas da cultura, mas, sobretudo, das estruturas de poder (Street, 2004 [1993]).

Essas razões levaram pesquisadores, acadêmicos e profissionais que trabalham com letramento em diferentes partes do mundo a constatar, segundo Street, que o modelo autônomo do letramento não era uma ferramenta adequada para entender a variedade de práticas de leitura e de escrita, tampouco para projetar programas adequados a essa diversidade, por isso as práticas são melhor compreendidas dentro de um modelo ideológico (Street, 2009b).

Outra consideração fundamental feita por Street (2004 [1993]) adverte que assumir o modelo ideológico do letramento em estudos etnográficos implica reconhecer que não somente as práticas de letramento em análise estão imbuídas em relações ideológicas e de poder, mas, sobretudo, que as interpretações da pessoa pesquisadora partem de determinado lugar de poder e de autoridade, as quais devem ser admitidas e explicadas, porque assim se permite que sejam questionadas, debatidas e aperfeiçoadas.

Ou seja, as práticas de letramento são ideológicas porque – embora exista uma estrutura de autoridade e poder maior e mais ou menos permanente que interfere nas práticas, influenciando-as em certa medida – elas não determinam totalmente esses efeitos, pois existem variáveis outras que alteram essas imposições da estrutura e que proporcionam a criação de práticas diversas e não totalmente determinadas. Dentre essas variáveis, a mais importante delas é a pessoa usuária da língua escrita que não é totalmente assujeitada.

Street (2014, 2009b) esclarece também que denominar um modelo autônomo de letramento em oposição a um modelo ideológico não significa que o primeiro seja um modelo livre ou neutro em termos de ideologia. Antes de tudo, o modelo autônomo de letramento é um exemplo clássico de ideologia (Street, 2009a). Dessa forma, o modelo ideológico não nega o modelo autônomo, mas alerta para o fato de que os efeitos supostamente universais atribuídos por este último também devem ser compreendidos em relação aos contextos culturais e de poder (Kleiman, 1995), uma vez que “[...] a própria ênfase na ‘neutralidade’ e ‘autonomia’ do letramento por estudiosos como Goody, Olson e Ong é ela mesma ‘ideológica’, no sentido de que obscurece a dimensão do poder” (Street,

2004 [1993], p. 88-89). Em outras palavras, todos os modelos são ideológicos por natureza, e o modelo autônomo é apenas um deles. Por isso, os modelos não estão em oposição total (Street, 2009a); a diferença é que o modelo ideológico assume essa perspectiva e o modelo autônomo esconde e camufla.

2.3 LETRAMENTO E ESCOLA

Embora sua origem esteja atrelada ao campo da pesquisa antropológica, os NLS começaram a ser apropriados para o campo da educação numa tentativa de mostrar que a diversidade de práticas de letramento não pode ser negada pela escola em detrimento de práticas dominantes e que, por isso, é preciso analisar a escola considerando as relações de poder e as ideologias nela envolvidas. Da mesma forma, as práticas de letramento escolar, assim como todas as outras, não podem ser tomadas como neutras, hegemônicas ou autônomas, pois são permeadas por relações ideológicas. Mais do que isso, a tentativa de desenvolver aplicações dos princípios e práticas dos NLS na escola visa à formulação de propostas políticas de intervenção no currículo, critérios de avaliação de letramento e diretrizes para a formação docente.

Por considerar os letramentos como práticas sociais diversas e situadas, os NLS apontam uma forte crítica à forma como a escola – enquanto representante de um quadro institucional, discursivo e ideológico mais amplo – limita e altera as práticas de letramento no contexto escolar, o que veio a se denominar por *escolarização do letramento*. Nos dizeres de Brian Street e Joanna Street (2014 [1991]), trata-se da *pedagogization of literacy* (pedagogização do letramento). Tal mecanismo se refere ao amplo domínio dos processos institucionalizados de ensino e aprendizagem (não apenas a habilidades e estratégias utilizadas por professoras), caracteristicamente representados pela escola, que estão cada vez mais presentes em práticas domésticas e comunitárias de leitura e de escrita. Assim, letramento comumente é relacionado a noções escolares e os vários outros usos da leitura e da escrita na sociedade não são associados ao letramento ou tornam-se subjugados ao letramento escolar (Street; Street, 2014 [1991]).

As autorias explicam que, embora qualquer prática de letramento esteja profundamente relacionada às crenças culturais – e, por isso, existam vários outros letramentos ao lado das versões dominantes –, os letramentos escolares são geralmente tomados como se fossem simplesmente questões técnicas que requerem habilidades de

aprendizagens neutras (visão autônoma do letramento) e não são vistos como uma instância que também corresponde a interesses ideológicos específicos. Na verdade, os letramentos escolares são apenas uma das formas de uso da escrita na sociedade (Street; Street, 2014 [1991]). Por isso, Street e Street (2014 [1991]) alertam que o letramento não existe apenas associado à escolarização e é equivocado – do ponto de vista da concepção dos letramentos como práticas sociais de leitura e de escrita – conceber uma suposta superioridade ao letramento escolarizado em detrimento das outras práticas de letramento.

Nesse caminho, Heath (2004 [1982]) afirma que, se queremos compreender e desenvolver o letramento, não podemos admitir um modelo único (o da cultura hegemônica) como modelo universal de ensino e aprendizagem para as sociedades ocidentais, tendo em vista que ele não dá conta, de forma adequada, da diversidade das formas culturais com as quais as pessoas adquirem conhecimento e desenvolvem habilidades cognitivas.

Dessa forma, dado que aprender o letramento não é só aprender uma tecnologia, mas aprender um conjunto de práticas discursivas, valores sociais e modos específicos de conhecer determinada cultura, a aquisição da linguagem está intimamente relacionada ao processo de socialização; por isso, conseqüentemente, se dá em função das normas, dos valores e da visão de mundo particular de cada comunidade (Gee, 2004 [1986]).

Seguindo a mesma linha argumentativa, Jenny Cook-Gumperz (2008 [1986]), pesquisadora estadunidense, advoga que o letramento não pode ser entendido apenas como um processo cognitivo – tanto em sua forma escolarizada como em espaços informais –, visto que todos esses contextos são moldados por práticas e instituições sociais e que essas construções incidem na aprendizagem; não sendo, portanto, resultado de algo isolado. Além disso, reforça a autora, tanto na interação informal quanto na escola, a preocupação não é apenas com o ensino de habilidades de letramento, mas, sobretudo, com os usos sociais delas. O aprendizado na escola é afetado por diversos fatores, tanto de dentro quanto de fora da sala de aula.

Assim, Cook-Gumperz (2008 [1986], p. 19-20) alerta que, para entender o letramento como fenômeno social no contexto da escolarização, é necessário entender que “[...] a aprendizagem não é apenas questão de processamento cognitivo, no qual os indivíduos recebem, armazenam e usam certos tipos de mensagens instrucionais organizadas em um *corpus* de conhecimento escolar”, visto que o processo de letramento “[...] ocorre em um ambiente social, por meio de interações em que aquilo a ser aprendido é, até certo ponto, uma construção conjunta do professor e do estudante, e possibilitar essa

construção mútua é o propósito dos cenários educacionais” (Cook-Gumperz, 2008 [1986], p. 20).

Um dos princípios basilares dos NLS, que contribuem sobremaneira para o campo do ensino, é a constatação de que, seja no trabalho com crianças ou adultos, sem uma compreensão das experiências e das condições socioeconômicas e culturais em que essas pessoas estão inseridas – antes da entrada na escola e durante seu processo escolar –, e sem um trabalho que articule tais experiências aos saberes sistematizados pelo ensino formal, o processo de aprendizagem/letramento fica prejudicado e termina por reproduzir as assimetrias sociais.

Street (2013) propõe, quando se trata de adotar o modelo ideológico para as práticas de letramento no ambiente escolar, que se dê atenção aos seguintes aspectos: “[...] a perspectiva da prática social sobre *literacy*; o reconhecimento da importância do contexto; o afastamento de uma abordagem estreita, cognitiva e descontextualizada do ensino da leitura e da escrita [...]; e o reconhecimento de que os alunos de hoje estão familiarizados com uma variedade de *literacy practices*, *multiple literacies*, incluindo aquelas *emergent literacies* associadas à Web e à Internet” (Street, 2013, p. 61).

Diante desses posicionamentos acerca da impossibilidade de se conceber a aprendizagem do letramento apenas como um processo cognitivo e das evidências de concebê-lo como fenômeno que ocorre em meio a um processo de socialização — tanto antes como durante e, obviamente, depois do período escolar (e não apenas na escola, mas em todos os espaços onde as pessoas aprendizes convivem, como casa, comunidade, ambiente virtual) —, surgem novas exigências e novas formas de avaliar as práticas de letramento, que não apenas por meio de testes cognitivos para mensuração de habilidades isoladas.

Street (2009a) afirma com convicção que existe uma evidente compatibilidade entre os NLS, a escola e a educação, demonstrada por uma série de trabalhos em andamento que relacionam pesquisas teóricas com práticas educacionais tanto em outros países como no Brasil (por exemplo, Macedo, 2021). Ao relatar pesquisas que possuem tal interesse, Street (2003a) salienta que essas pessoas pesquisadoras pretendem mostrar como é possível utilizar os NLS para estudar as relações dentro e fora da escola, de modo que os NLS não fiquem restritos a observações de pequena escala ou a letramentos locais; ou, ainda, que sejam vistos apenas como não escolares. Essas pesquisadoras acreditam que essa relação entre os princípios dos NLS e a escola pode ser potencializada em um movimento muito mais de complementariedade, dialogia e sobreposição do que

propriamente de um afastamento entre eles. Sobre esse aspecto, o autor aponta para as virtudes e limitações do uso da etnografia, pois, ao mesmo tempo que esse instrumento ajuda a entender o letramento para mudar as políticas de educação, ele não deixa de ser muito ambicioso, dado o predomínio de outros métodos de pesquisa no campo educacional (Street, 2010 [2007]).

A nossa intenção, ao trazer este breve panorama dos estudos que promoveram uma virada social na forma de compreender os letramentos e que serviram de pavimento para a construção do conceito de *letramento* no Brasil, foi estruturar um arcabouço que pudesse nos ajudar a compreender o significado deste conceito para entender sua relação com o conceito de *letramento informacional* e sistematizar um corpo de estudos que possa servir para problematizar e adensar criticamente o conceito de *letramento informacional*, mesmo cientes da reconfiguração semântica que o termo *letramento* adquire quando passa a figurar como metáfora para outros campos.

3 POSSIBILIDADES DE AMPLIAR AS REFLEXÕES SOBRE LETRAMENTO INFORMACIONAL COMO UMA PRÁTICA IDEOLÓGICA, SITUADA E SOCIAL

Pensar que o letramento informacional – enquanto um conteúdo a ser ensinado, não possui uma forma única de ser ensinado, muito menos de ser aprendido – é pensar a partir da realidade concreta. Estudos empíricos para investigar como as pessoas aprendem, não apenas do ponto de vista cognitivo, podem ajudar a elucidar essa questão. Levando em conta as tendências emergentes da faceta social da informação (Santa Anna, 2017), considera-se que as peculiaridades dos sujeitos e de seus contextos sociais geram necessidades e demandas informacionais distintas.

Os estudos desenvolvidos sobre o termo *letramento informacional* oferecem contribuições substantivas sobre a perspectiva cognitiva e reflexiva da aprendizagem, porém há uma escassez de estudos que forneçam contribuições sobre as perspectivas de cunho sociocultural de natureza etnográfica no âmbito desse termo no contexto da BCI, que considerem as pessoas reais, situadas histórico e geograficamente.

Evidentemente, quer seja nos estudos sobre uso da informação (comportamento informacional, *information literacy* ou práticas informacionais), quer seja nos estudos sobre *literacy* e letramento, não se pretende tratar pessoa-sujeito *versus* contexto social de modo

isolado. Em ambas as abordagens, há o fundamento de que essas duas dimensões não podem ser separadas. Porém, há diferenças de ênfases, de categorias analíticas e de abordagem metodológica, portanto, há concepções distintas nas teorias e nos métodos que cada pesquisadora assume.

Sendo assim, acreditamos que, sem um entendimento sobre como os fatores sociais e contextuais (tempo, espaço, condições sociais, etc.) constituem a aprendizagem, há uma tendência em manter uma perspectiva autônoma do letramento, em que não se considera a realidade concreta das aprendizes; e há a tendência de perpetuar um quadro no qual a pesquisa sobre letramento informacional fique mais restrita a aspectos cognitivos, desconsiderando-se as práticas envolvidas nos processos de aprendizagem e no uso da informação. Argumentamos a necessidade de uma ampliação teórico-metodológica que dialogue mais de perto com os estudos antropológicos que tratam o letramento como prática social, vinculada a contextos socioculturais diversos – por isso o uso do termo no plural, *literacies*, letramentos –, rompendo com a visão individualista ainda determinante nos processos educativos.

Sendo espaços institucionalizados que possuem como uma de suas funções legitimadas o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita, a escola e a universidade são permeadas por interferentes históricos, sociais e ideológicos, fazendo com que – sob o olhar dos estudos do letramento como prática social – não se possa assumir as práticas de letramento de modo isento ou isolado, restritas à dimensão individual, cognitiva e técnica (como se toma tradicionalmente), sem considerar as relações de poder, as condições sociocognitivas e identitárias do grupo, e, portanto, as relações não neutras envolvidas nessas práticas.

Para compreender o letramento informacional enquanto prática social e, destarte, para entender como as práticas de letramento informacional se organizam, além de propor estratégias inovadoras para lidar com tais práticas, considerando a realidade concreta das estudantes e não a realidade ideal, caberia considerar, por exemplo, articulação de teorias que atuam na interseção entre antropologia e educação e o uso de metodologias de cunho etnográfico, que permitem observações mais imersivas dos ambientes educativos. Tais metodologias podem ser avaliadas pelo campo, como já vêm sendo propostas e efetuadas no âmbito dos estudos internacionais citados na Introdução. Pode ser pertinente, por exemplo, estudar questões sobre usos e produção de conteúdo digital, práticas coletivas de interação com a informação, a partir de variáveis que levem em conta as condições socioeconômicas, históricas e sociais (origem, raça, gênero, sexualidade, classe,

atipicidade, espiritualidades, deficiências e suas interseccionalidades), entre outras, e suas interseções com o cotidiano, as rotinas e as relações familiares das estudantes.

Por fim, esperamos que este ensaio possa contribuir para a pesquisa na área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, no sentido de apontar ferramentas teórico-metodológicas potentes para compreender de forma mais aprofundada as práticas envolvidas no processo de lidar com a informação.

REFERÊNCIAS

ALA. American Library Association. **Report of the Presidential Committee on Information Literacy**: Final Report. Estados Unidos, 1989. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acesso em: 24 jul. 2023.

ALVES, Mariana de Souza. **Apropriação do termo letramento pela Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira**: tensões terminológico-conceituais em torno do letramento informacional. Orientação: Marcos Galindo Lima. Coorientação: Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo. 2023. 542f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/53340>. Acesso em: 29 jul. 2025.

ALVES, Mariana de Souza. O letramento informacional na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 31, e-144865, 2025b. DOI: <https://doi.org/10.1590/1808-5245.31.144865>

ALVES, Mariana de Souza; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes; GALINDO, Marcos. O debate terminológico-conceitual em torno do uso dos termos competência em informação, competência informacional e letramento informacional na primeira década dos anos 2000 no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, e6576, novembro 2023a. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v19i2.6576>

ALVES, Mariana de Souza; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. Alfabetização e letramento e suas implicações terminológico-conceituais: panorama histórico-conceitual. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, p. 1-30, 2025c. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2237-6658.2025.59704>. Acesso em: 24 ago. 2025.

ALVES, Mariana de Souza; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes; GALINDO, Marcos. A chegada da information literacy no Brasil: apropriação conceitual e implicações para as traduções. **Páginas a&b**: arquivos e bibliotecas, Portugal, n. 20, p. 302–334, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.21747/21836671/pag20a18>.

ALVES, Mariana de Souza. **Data on scientific production on letramento informacional in Brazil**: collection procedures and resulting corpus [Dataset of thesis] [Data set], 2024. Zenodo. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10672668>

ALVES, Mariana de Souza. Elaboração terminológico-conceitual do letramento informacional no Brasil: uma análise das obras de Bernadete Campello e de Kelley Gasque. **Biblios Journal of Librarianship and Information Science**, [S. l.], n. 87, p. e012, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5195/biblios.2024.1320>.

ALVES, Mariana de Souza; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. O termo letramento na expressão letramento informacional na Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira: influências intelectuais e disciplinares. **Brazilian journal of information Science**, v. 19, n., 2025a. DOI: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2025.v19.e025009>

ALVES, Mariana de Souza; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. Revisitando o advento do conceito de letramento no Brasil: um termo e seus múltiplos sentidos. **Páginas a&b: arquivos e bibliotecas**, Porto, n. 23, p. 132- 155, 2025b. Disponível em: <https://doi.org/10.21747/21836671/pag23>. Acesso em: 29 jul. 2025.

BARTON, David; HAMILTON, Mary. La literacidad entendida como práctica social. *In*: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (org.). **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Peru, 2004 [1998], p. 109-140. Versión original: Barton, David y Mary Hamilton. *Local Literacies. Reading and Writing in One Community. Understanding Literacy as Social Practice*. London: Routledge. Traduzido para o espanhol por Catalina Zapata-Vial.

BARTON, David; HAMILTON, Mary. Literacy Practices. *In*: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz. **Situated literacies: reading and writing in context**. London: Routledge, 2000, p. 7-14.

BARTON, David; HAMILTON, Mary. **Local Literacies: reading and writing in one community**. London: Routledge, 1998.

BAYNHAM, Mike; PRINSLOO, Mastin. Introdução. *In*: BAYNHAM, Mike; PRINSLOO, Mastin. **The future of Literacy Studies**. London: Palgrave; Macmillan, 2009. p. 21-33.

BEVILAQUA, Raquel. Novos estudos do letramento e multiletramentos: divergências e confluências. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 5, n. 1, jan./jul, 2013.

BEZERRA, Arthur Coelho. From Critical Information Literacy to a Critical Theory of Information. **The International Review of Information Ethics**, Edmonton, Canada, v. 30, n. 1, 2021. Disponível em: <https://informationethics.ca/index.php/irie/article/view/411> . Acesso em: 24 jul. 2025.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRASILEIRO, Fellipé Sá. **Resiliência informacional: modelo baseado em práticas informacionais colaborativas em redes sociais virtuais**. Orientador: Gustavo Henrique de Araújo Freire. 2017. 227 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. Orientador: Eduardo Jose Wense Dias. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

COOK-GUMPERZ, Jenny. A construção social da alfabetização. *In*: COOK-GUMPERZ, Jenny et al. **A construção social da alfabetização**. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. [1986]. p. 13-27. Traduzido da segunda edição de 2006, publicado pela Cambridge University Press.

ELMBORG, James. Critical information literacy: Implications for instructional practice. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 32, n. 2, p. 192-199, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015 [1974].

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Editora da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, 2012. *E-book*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/278784833_Letramento_informacional_pesquisa_reflexao_e_aprendizagem. Acesso em: 22 abr. 2025.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Manual do Letramento Informacional**: saber buscar e usar a informação. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação Universidade de Brasília, 2020. *E-book*. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Kelley-Cristine-Gasque/publication/337901654_Manual_do_Letramento_Informacional_saber_buscar_e_usar_informacao/links/5df14c314585159aa4765f3e/Manual-do-Letramento-Informacional-saber-buscar-e-usar-informacao.pdf. Acesso em: 22 abr. 2025.

GEE, James Paul. Oralidad y literacidad: de El pensamiento salvaje a Ways with Word. *In*: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (org.). **Escritura y sociedad**: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Peru, 2004. [1986]. p. 23-55. Versión original: Orality and Literacy: From The Savage Mind to Ways with Words, em Tesol Quarterly, 20, 719-746. Tradução para o espanhol de Erik G. Theinhardt.

GEE, James Paul. **Social Linguistics and Literacies**: Ideology in discourses. Routledge, 1990.

GRAFF, Harvey J. **Os labirintos da Alfabetização**. Porto Alegre: Artmed, 1994 [1987].

GRAFF, Harvey J. **The legacies of literacy**: continuities and contradictions in western culture and society. Bloomington: Indiana University Press, 1991 [1987].

HEATH, Shirley Brice. El valor de la lectura de cuentos infantiles a la hora de dormir: habilidades narrativas en el hogar y en la escuela. *In*: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (org.). **Escritura y sociedad**: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Peru, 2004. [1982]. p. 143-179. Versión original: What no Bedtime Story Means: Narrative Skills at Home and School, em Language in Society, 11, 49-76.

HEATH, Shirley Brice. Prólogo. *In*: HEATH, Shirley Brice. **Ways with Words**: Language, Life and Work in Communities and Classrooms. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 1-14.

JACOBS, Heidi L. M. Information literacy and reflective pedagogical praxis. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 34, n. 3, p. 256-262, 2008.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, Angela. (org.). **Os Significados do Letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p.15-61.

LLOYD, Annemaree. Information literacy: Different contexts, different concepts, different truths? **Journal of librarianship and information science**, 2005, v. 37, n. 2, p. 82-88.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **A pesquisa etnográfica em alfabetização, leitura e escrita**: a experiência do GPEALE. Curitiba: CRV, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/61130996/A_PESQUISA_ETNOGRA_FICA_EM_ALFABETIZAC_A_O_1. Acesso em: 24 jul. 2025.

MARINHO, Marildes. “Precisamos conhecer mais o que acontece dentro e fora da escola”. [Reflexões sobre pesquisa e prática de letramento]. Entrevista na **Revista Letra A**: o jornal alfabetizador. Belo Horizonte, maio/junho. v. 4, n.14, 2008.

MARINHO, Marildes. Pequenas histórias sobre este livro e sobre o termo letramento. Prefácio. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei (org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010a. p. 9-22.

MARINHO, Marildes. Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei (org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010b. p. 68-100.

MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro. Introdução da entrevista à Brian Street. In: STREET, Brian. Entrevista com Brian Street. [Entrevista cedida a Marildes Marinho e Gilcinei Teodoro Carvalho]. **Revista Língua Escrita**, FaE/UFMG, n. 7, jul./dez. 2009. p. 84-92. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/revista%20lingua%20escrita/LinguaEscrita_7.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

PAWLEY, Christine. Information literacy: a contradictory coupling. **Library Quarterly**, v. 73, n. 4, p. 422-431, 2003.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Novos saberes para a educação do século XXI. In: MENDONÇA, Rosa Helena; MARTINS, Magda Frediani (org.). **TV, educação e formação de professores**: salto para o Futuro: 20 anos. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013. v. 4, p. 9-25. .

SANTA ANNA, Jorge. A ciência da informação na sociedade multicultural: o paradigma social como paradigma emergente. **Biblionline**, v. 13, n. 1, p. 3-14, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/32504>. Acesso em: 29 jul. 2025.

SAVOLAINEN, Reijo. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007.

SCRIBNER, Sylvia. Literacy in Three Metaphors. **American Journal of Education**, nov. 1984.

SCRIBNER, Sylvia; Cole, Michael. Desempacotando la literacidad. In: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (org.). **Escritura y sociedad**: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Peru, 2004 [2001]. p. 57-79. Texto original: Unpackaging Literacy, en Cushman, Ellen et al. Literacy: A Critical Sourcebook. Boston: Bedford/St. Martin's. 123-137. Tradução para o espanhol de Alfredo Alonso Estenoz.

SILVA, Laelson Felipe da; ARAÚJO, Wagner Junqueira de; OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de; ALVES, Edvaldo Carvalho. Práticas informacionais em ambientes virtuais. **Informação & Informação**, n. 4, v. 25, p. 431-451, 2020.

SOARES, Magda. Letramento e Escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003. p. 89-113.

STREET, Brian V. The Implications of the “New Literacy Studies” for Literacy Education. **English in Education**, v. 31, n. 3, p. 45-59, 1997.

STREET, Brian V. What’s “new” in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003a. Disponível em: <https://journals.library.columbia.edu/index.php/cice/article/view/11369/5716>. Acesso em: 29 jul. 2025.

STREET, Brian V. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Trabalho apresentado durante a Teleconferência Unesco Brasil sobre Letramento e Diversidade. 2003b. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/abordagens-alternativas-ao-letramento-e-ao-desenvolvimento-pdf-free.html>. Acesso em: 29 jul. 2025.

STREET, Brian V. Los nuevos estudios de literacidad. In: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (org.). **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Peru, 2004. p. 81-107. Versión original: Introduction: The New Literacy Studies, en Street, Brian (ed.). *CrossCultural Approaches to Literacy*. Cambridge: Cambridge University Press. 1-29. 1993. Tradução para o espanhol de Alfredo Alonso Estenoz.

STREET, Brian V. **Understanding and defining literacy**. Paper commissioned for the EFA Global Monitoring Report 2006, Literacy for Life". [S. l.: s. n.], 2005. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000146186>. Acesso em: 24 jul. 2025.

STREET, Brian V. Perspectivas interculturais sobre o letramento. Tradução Marcos Bagno. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8, 465-488, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59767>. Acesso em: 24 jul. 2023. Publicação original: Cross-cultural perspectives on literacy. In: Verhoeven, Ludo (Ed.). (1994). *Functional Literacy: theoretical issues and educational implications*; Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, p. 95-111.

STREET, Brian V. Entrevista com Brian Street. [Entrevista cedida a Marildes Marinho e Gilcinei Teodoro Carvalho]. **Revista Língua Escrita**, n. 7, jul./dez. 2009a. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/revista%20lingua%20escrita/LinguaEscrita_7.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

STREET, Brian V. The future of "social literacies" In: BAYNHAM, Mike; PRINSLOO, Mastin. **The future of Literacy Studies**. London: Palgrave/Macmillan, 2009b. p. 21-37.

STREET, Brian V. Os Novos estudos sobre o Letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, Marildes.; CARVALHO Gilcinei. (org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. p. 33-53. Texto apresentado como conferência de abertura do I Colóquio Internacional sobre Cultura Escrita e Letramento, em agosto de 2007, na Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte (MG). A versão original em inglês foi transcrita e traduzida por Tércia Mendes, e o artigo foi editado por Gilcinei Teodoro Carvalho.

STREET, Brian V. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In: MAGALHÃES, Izabel (org.). **Discursos e práticas do letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas: Mercado das Letras, 2012a. p. 69-92. Texto original: Literacy events and literacy practices: theory and practices in the New Literacy Studies. In: Martin-Jones, M; Jones, K. (org.). *Multilingual literacies*. Amsterdã: Filadélfia: John Benjamins, 2000. p. 17-29. Tradução de Izabel Magalhães.

STREET, Brian V. **Literacy and multimodality**. STIS Lecture: Inter-Disciplinary Seminars O Laboratório SEMIOTEC, da FALE/UFMG Faculdade de Letras, Belo Horizonte, Brazil. March 9, 2012b. Disponível em: <https://silo.tips/download/brian-v-street-abstract>. Acesso em: 29 jul. 2025.

STREET, Brian V. Literacy in Theory and Practice: Challenges and Debates Over 50 Years. **Theory Into Practice**, n. 52, sup. 1, p. 52-62, 2013.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014 [1995].

STREET, Brian V.; STREET, Joana. A escolarização do letramento. In: STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial. 2014 [1991]. p.121-144. Título original: *The Schooling of Literacy*. In: BARTON, David; IVANIC, Roz (ed.). *Writing in the Community*. Londres: Sage. 1991. c1991 por Sage. P.

TEWELL, Eamon. A decade of critical information literacy: A review of the literature. **Communications in Information Literacy**, v. 9, n. 1, p. 24-43, 2015.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. **Competência em informação**: conceito, contexto histórico e olhares para a ciência da informação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2020. 205 p. *E-book*. Disponível em: <https://editora.ufsc.br/estante-aberta>. Acesso em: 29 jul. 2025.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional: bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da informação**, Brasília, v. 38, n. 3, set./dez., p. 130- 141, 2009. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1236>. Acesso em: 29 jul. 2025.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional (2). **Ciência da informação**, Brasília, v. 40 n. 1, jan./abr., p. 99-110, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/SjcbWRPPfNPjhF5DhFTSkcv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2025.

WAGNER, Daniel A; VENEZKY, Richard L.; STREET, Brian. **Literacy**: an international handbook. Boulder: Westview Press, 1999.

ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia. Introdução. In: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (org.). **Escritura y sociedad**: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Peru, 2004. p. 7-18.

NOTAS

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos

Às pessoas pareceristas pela leitura e considerações que contribuíram para o aprimoramento do texto.

À Pâmella da Silva Pinto pela revisão linguística.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: M. de S. Alves, M. do S. A. N. Macedo

Coleta de dados: M. de S. Alves

Análise de dados: M. de S. Alves

Discussão dos resultados: J M. de S. Alves, M. do S. A. N. Macedo

Revisão e aprovação: M. de S. Alves, M. do S. A. N. Macedo

ORIGEM DA PESQUISA

- 1) Tese embargada: ALVES, Mariana de Souza. **Apropriação do termo letramento pela Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira**: tensões terminológico-conceituais em torno do letramento informacional. Orientação: Marcos Galindo Lima. Coorientação: Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo. 2023. 542f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/53340>. Acesso em: 16 nov. 2023.

PREPRINTS



O manuscrito disponibilizado em *Preprint*⁷ não é considerado uma publicação prévia e não prejudicará o processo editorial na revista. Indicar a opção que descreve a situação do seu manuscrito:

() O manuscrito é um *preprint*. Se sim, incluir as informações:

Título 1:

URL ou DOI 1:

(x) O manuscrito não é um *preprint*.

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Informar conflito de interesses: financeiros, pessoais, entre possíveis revisores e editores, e/ou possíveis vieses temáticos.

() As pessoas autoras declaram os seguintes interesses conflitantes: indicar quais conflitos.

(x) As pessoas autoras declaram não haver interesses conflitantes.

Reconhecemos que algumas autoras podem estar sujeitas a acordos de confidencialidade. Nesses casos, obrigatoriamente declarar:

() As pessoas autoras informam estar vinculadas a acordos de confidencialidade que impedem a divulgação de possíveis conflitos de interesse relacionados a este trabalho.

Para mais informações, acessar: https://www.abecbrasil.org.br/arquivos/whitepaper_CSE.pdf

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA E OUTROS MATERIAIS

As pessoas autoras são encorajadas a disponibilizar todos os conteúdos subjacentes ao texto do manuscrito no momento da submissão do artigo. O objetivo é colaborar com a avaliação da pesquisa e, se for publicado o artigo, contribuir para o reuso, a reprodutibilidade, o compartilhamento, a credibilidade e a preservação da pesquisa.

Indicar a opção que melhor descreve a disponibilidade dos dados de sua pesquisa. Caso a pesquisa possua dados, incluir os detalhes solicitados conforme aplicável. Selecionar apenas uma alternativa.

() **A pesquisa não possui dados.** O artigo não contém dados coletados ou obtidos por meio de análises a partir de fontes primárias.

() **Os dados foram publicados no próprio artigo.** Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo está incluído no corpo do artigo.

() **Os dados foram submetidos como materiais suplementares.** O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi enviado para publicação na seção "Materiais Suplementares".

(x) **Os dados já estão disponíveis em repositórios de dados confiáveis.** Fornecer os títulos dos conjuntos de dados e as URLs correspondentes:

Título 1: **Data on scientific production on letramento informacional in Brazil:** collection procedures and resulting corpus [Dataset of thesis]

URL ou DOI 1: Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.10672668>

Título 2:

URL ou DOI 2:

() **As autoras utilizaram apenas conjuntos de dados existentes (de terceiros).** Indicar a localização dos dados utilizados, fornecendo URLs ou DOIs:

URL ou DOI 1:

URL ou DOI 2:

() **Há interesse em compartilhar os dados, mas precisamos de orientação.** Desejamos compartilhar o conjunto de dados, porém não sabemos como proceder.

⁷ *Preprint* é uma versão preliminar de um manuscrito científico compartilhada em um repositório ou plataforma online que permite acesso aos manuscritos antes da revisão por pares, possibilitando que os autores recebam feedback da comunidade científica.

() **Os dados não podem ser compartilhados publicamente.** O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não pode ser disponibilizado ao público. Justificar o motivo:

() **Os dados possuem restrição de acesso, por isso queremos compartilhar apenas os metadados publicamente:**

URL ou DOI 1:

URL ou DOI 2:

() **Os dados podem ser acessados somente pelos pareceristas.** Caso não estejam incluídos como materiais suplementares na própria plataforma da revista, indicar como os pareceristas podem acessar o conteúdo:

URL ou DOI 1:

URL ou DOI 2:

ANUÊNCIA DE AVALIAÇÃO ABERTA

(x) Deseja interagir diretamente com o avaliador caso este também concorde, durante o processo de avaliação do manuscrito?

LICENÇA DE USO

As autorias cedem à *Revista Encontros Biblio* os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença [Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. As autorias têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em *site* pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade das pessoas autoras, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Edgar Bisset Alvarez, Patrícia Neubert, Genilson Geraldo, Camila De Azevedo Gibbon, Jônatas Edison da Silva, Luan Soares Silva, Marcela Reinhardt de Souza e Daniela Capri.

HISTÓRICO

Recebido em: 27-12-2024 - Aprovado em: 31-07- 2025 - Publicado em: 26-09-2025

